

CAMUS CRÍTICO DE SARTRE: FILOSOFIA DA NATUREZA, ENGAJAMENTO E LIBERDADE NO PÓS-GUERRA

Leandson Vasconcelos Sampaio¹

RESUMO: O trabalho visa apresentar as diferenças com relação às concepções de engajamento entre o filósofo franco-argelino Albert Camus (1913-1960) e o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1906-1980), ressaltando a questão da concepção de historicidade e de liberdade. O filósofo africano põe em xeque a noção de situação e de liberdade de Sartre, levando em consideração também a liberdade do escritor engajado. Camus, influenciado pelo pensamento mediterrâneo, prezava primeiramente pela natureza antes da história, o que não significa que exclua a história como uma dimensão humana fundamental, mas sim afirma que ela não é tudo, pois a natureza a ultrapassa.

Palavras-chave: existencialismo, política, engajamento, determinismo, liberdade.

CRITICAL CAMUS OF SARTRE: PHILOSOPHY OF NATURE, ENGAGEMENT AND FREEDOM IN THE POST-WAR

ABSTRACT: The paper aims at presenting the differences between the Franco-Algerian philosopher Albert Camus (1913-1960) and the French philosopher Jean-Paul Sartre (1906-1980), emphasizing the conception of historicity and freedom. The African philosopher calls into question Sartre's notion of situation and freedom, also taking into account the freedom of the engaged writer. Camus, influenced by Mediterranean thought, prized nature first before history, which does not mean that it excludes history as a fundamental human dimension, but rather affirms that it is not everything, for nature surpasses it.

Keywords: existentialism, politics, engagement, determinism, freedom.

“Parece que escrever hoje um poema sobre a Primavera é servir ao capitalismo. Não sou poeta, mas fruiria sem rebuço uma semelhante obra se ela fosse bela. Serve-se o homem todo ou não se serve. E se o homem tem necessidade de pão e de justiça, e se é preciso fazer o necessário para satisfazer essa necessidade, não se deve esquecer que ele precisa também de beleza pura, que é o pão do seu coração. O resto não é sério.

Sim, eu desejá-los-ia menos comprometidos nas suas obras e um pouco mais na sua vida de todos os dias”.
(CAMUS, s/d: 335).

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: leandson@hotmail.com.

**CAMUS CRÍTICO DE SARTRE: FILOSOFIA DA NATUREZA, ENGAJAMENTO E
LIBERDADE NO PÓS-GUERRA**

“Para corrigir uma indiferença natural, fui colocado a meio caminho entre a miséria e o sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida sim, mas não o mundo do qual eu fazia minha divindade.” (CAMUS, 2007: 18).

“Prefiro homens engajados a literaturas do engajamento. Coragem na vida e talento na obra – isso não é nada mau.” (CAMUS, 1978: 140 apud ARONSON, 2007: 100)², escreve Camus em seu Caderno em 1946, referindo-se indiretamente a Jean-Paul Sartre e a sua concepção de engajamento, afirmando ainda que em sua concepção “o escritor é engajado quando deseja sê-lo. Seu mérito está em seu impulso. Mas se isto deve se tornar uma lei, uma função, ou um terror, onde está o mérito?” (Ibidem). Ou seja, para Camus, o escritor deve ter a liberdade de engajar-se ou não. Mesmo que haja a necessidade dos escritores de escreverem sobre a sua época, é necessário que o escritor tenha a liberdade de escrever: “Nos seus diários e entrevistas no período pós-guerra, Camus passou a defender a liberdade do escritor embora nunca duvidasse da necessidade de o escritor ‘descrever as paixões do dia’ e ‘o drama de nossa época’³” (ARONSON, 2007: 100). Neste sentido é que afirma Aronson que para o escritor franco-argelino “a arte não conhece nenhuma lógica a não ser a sua própria; a moralidade julga a política; os indivíduos são livres para não se engajar; o mundo é governado por pessoas e processos específicos, não apenas por umas poucas forças maiores” (ARONSON, 2007: 103-104). A concepção de engajamento de Camus está ligada à liberdade do escritor, o que, de certa forma, diferencia a sua concepção de engajamento da concepção de Sartre no Pós-guerra, não colocando-se como um intelectual que afirma de que modo o escritor deve agir, deixando a margem para a liberdade de escrita como opção de escolha dos escritores. Criticando Sartre, segundo Aronson, Camus “rejeitou qualquer afirmação geral de que estava fazendo o que o escritor *deveria* fazer. E rejeitou aspectos-chave da filosofia de Sartre subjacentes a tais exigências” (ARONSON, 2007: 99-100). Camus rejeita a concepção de engajamento sartreana na medida em que, segundo Aronson, para Sartre, há uma exigência de engajamento dos escritores situados em sua época histórica concreta que, de certo modo, tira a liberdade de escrita dos escritores. Afirma Aronson:

² CAMUS, *Notebooks*, 1942-1951, tradução de Justin O'Brien, (A Harvest/HBJ book), 1978. In: ARONSON, Ronald. *Camus e Sartre – o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra*, Tradução: Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

³ “Encounter with Albert Camus”, 10 de maio de 1951, in: *Lyrical and Critical Essays*, p. 353. (Apud ARONSON: 100).

Leandson Vasconcelos Sampaio

Era Sartre que Camus tinha em mente ao falar de “uma lei, uma função”, o que obviamente considerava “um terror”. “Parece”, prosseguiu Camus – referindo-se aos que conclamam ao engajamento – que escrever “um poema sobre a primavera seria servir ao capitalismo”. Mas insistindo em que a humanidade precisa do “pão do coração” tanto quanto de pão e justiça. Camus notou que gostaria irrestritamente de uma obra “se ela fosse bela”. Estava falando de Sartre quando disse “Eu gostaria mais de vê-los menos engajados em sua obra do que em seu dia-a-dia”? É o que parece, porque sua anotação seguinte no diário foi sobre o existencialismo, e, por volta de 1946, quando falava em existencialismo era a Sartre que se referia, mesmo sem nomeá-lo. Ele o acusou de incorporar o grande erro de Hegel, “que consiste em reduzir o homem à história”. Ele acreditava que Sartre havia contradito seu próprio princípio básico, porque humanos completamente absorvidos na história perderam toda a liberdade. (ARONSON, 2007: 100-101).

Para Camus, os escritores devem ter a liberdade de criar: o processo de criação deve ser livre independentemente de qualquer ideologia e, para ele, a arte livre também possui a função de produzir beleza para o mundo. Destarte, questiona Camus em seus *Cadernos*: “Se tudo se reduz verdadeiramente ao homem e à História, pergunto então qual é o lugar que se reserva à Natureza – ao amor – à música – à arte”. (CAMUS, s/d: 342). Ou seja, mesmo em um mundo injusto politicamente, a arte necessita ser livre. Como afirma Leopoldo: “O que Camus deseja afirmar é que a beleza não se constrói na história, e que aqueles que se propõem a separar inteiramente natureza e história, condenam-se a banir a existência de toda beleza” (LEOPOLDO, 2000: 7). Camus prefere o engajamento efetivo que a mera intelectualização da função e do dever obrigatório dos escritores ao criticar indiretamente Sartre. Uma das críticas de Camus com relação ao engajamento sartreano está ligada à sua concepção de absolutização da história e da liberdade, por influência hegeliana, o que, para Camus, não há conciliação ao seu modo de ver. Ao tratar a história como absoluta, Sartre coloca a liberdade em xeque na medida em que a história torna-se determinista. Como afirma Aronson: “Conforme Sartre se deslocava de uma perspectiva ontológica para outra histórica, Camus lhe percebeu o calcanhar-de-aquiles: onde está a base para a liberdade e a autodeterminação uma vez que aceitamos que elas só ocorrem num contexto concreto?” (ARONSON, 2007: 103). Neste sentido, Camus critica Sartre ao notar que ele em seus escritos privilegia a determinação histórica e elimina assim a liberdade de escolha da vontade do escritor, esquecendo-se da individualidade e da singularidade de cada escrita engajada livremente. Como afirma Aronson:

Na visão de Camus, a exigência de engajamento que Sartre fez colocava a história *acima* do individual. Diferentemente da natureza, a história prescreve responsabilidades que o indivíduo pode encontrar, ou se refere a vastas formas que subordinam o individual. Segundo Camus, Sartre, embora

OCCURSUS

REVISTA DE FILOSOFIA

tenha partido da contingência, foi infiel ao seu próprio ponto de partida porque se embocou numa história com H maiúsculo. (ARONSON, 2007: 101).

O existencialismo sartreano, ao absolutizar a história, de certa forma, a diviniza, o que a torna determinada ao ponto de não existir a liberdade, já que tudo é história. Para o filósofo africano, o filósofo francês, assim como outros existencialistas, coloca a história de forma absoluta, não havendo assim espaço para a liberdade. Neste horizonte, afirma Aronson:

Camus assinalou que o existencialismo toma duas formas, a religiosa e a estética. O existencialismo estético, incluindo-se aquele de Husserl, Heidegger e Sartre, termina também numa “divinização, mas que é simplesmente a da história, considerada como único absoluto. Não se crê mais em Deus, mas se crê na história”⁴. (ARONSON, 2007: 101-102).

Para Camus, a filosofia da história não deve absolutizar a história. O engajamento do escritor também não poderia ser determinado pela história sob risco de perder a sua liberdade de escrita. Camus rejeita a concepção de história dos existencialistas porque ela nos aliena. Como afirma Aronson: “Engajado como sempre foi, Camus considerava que a história nos aliena de nós mesmos e de tudo o que nos é mais vital” (ARONSON, 2007: 102). As suas concepções de História e de engajamento diferenciam-se de Sartre, pois para ele a história não é absoluta, contrapondo-se, ao afirmar a natureza, o mundo, como já o fazia desde os seus escritos da década de 1930. Como afirma Aronson:

O que exatamente estava em jogo em sua reprovação a Sartre? Embora Camus buscasse se apartar das injunções de seu amigo acerca do engajamento, ele estava também insistindo na oposição fundamental entre “história” e “mundo” ou a “vida”, que havia sido parte de seu próprio pensamento desde os anos 1930. Ao lamentar o início da guerra em setembro de 1939, por exemplo, ele esperava que após a guerra as árvores voltariam “a florir, já que o mundo acaba sempre por vencer a história”⁵. Numa de suas resenhas em “O salão de leitura”, ele se refere favoravelmente à visão do escritor André Chamson sobre a história como “um episódio ridículo em relação ao qual a vida acaba sempre por triunfar”⁶. (ARONSON, 2007: 102).

Ao rejeitar a concepção de história de Sartre, Camus afirma a dimensão do mundo que está para além da história, pois, mesmo havendo as situações históricas, existe a natureza concreta: o mundo, que está para além da história. Camus não deseja excluir a história, mas sim não absolutizá-la como se a história fosse a única dimensão humana, lembrando assim

⁴ Camus, “Interview à *Servir*”, in: *Essais*, p. 1427. (Apud ARONSON, 2007: 102).

⁵ Camus, *Le Soir Républicain*, 17 de setembro de 1939, in: *Essais*, p. 1377. (Apud ARONSON, 2007: 102).

⁶ Camus, *Alger Républicain*, 23 de maio de 1939, in: *Essais*, p. 1400. (Apud ARONSON, 2007: 102).

**CAMUS CRÍTICO DE SARTRE: FILOSOFIA DA NATUREZA, ENGAJAMENTO E
LIBERDADE NO PÓS-GUERRA**

que há os limites da história no sentido de que a natureza, de certa forma, sempre nos ultrapassa, independentemente da nossa historicidade. Como afirma Leopoldo: “É importante notar que, por mais difícil que seja para Sartre compreender este ponto, a recusa da história em Camus não significa a recusa do mundo” (LEOPOLDO, 2000: 2). Ou seja, podemos notar a diferença da compreensão de história entre Sartre e Camus, observando que Camus não recusa a história, mas coloca seus limites. Como afirma ainda Leopoldo:

[...] a dificuldade de Sartre tem muito a ver com o pressuposto de que a compreensão racional da relação entre o homem e o mundo depende da consideração da historicidade como elemento definidor dessa relação: o homem relaciona-se com o mundo histórico e qualquer outra dimensão do “mundo” deve traduzir-se historicamente para ser assimilada às situações humanas. É nesse sentido que não poderia haver uma relação verdadeiramente humana entre o homem e o mundo natural simplesmente, pois é historicizando o próprio ambiente natural que o homem se relaciona com ele. A liberdade implica que, de alguma maneira, o homem pode compor e recompor o mundo histórico, já que isso é propriamente o que significa ser sujeito da história. E é neste sentido que o homem, como sujeito, não se situa frente à natureza da mesma forma que frente à história, pois, por mais que o homem possa interferir na natureza, os fatos naturais continuarão sempre como exterioridade bruta, uma causalidade estranha ao homem. (LEOPOLDO, 2000: 2).

Para o filósofo franco-argelino, há uma dimensão do mundo que está para além da história. A história não é absoluta, podendo haver uma harmonia entre o homem e o mundo, entretanto, levando em consideração os limites da historicidade, pois, a natureza sempre nos ultrapassa, é sempre superior à nossa finitude e à nossa condição mortal. A existência humana não resume-se apenas à historicidade, havendo assim um desequilíbrio na relação humana com a natureza. A crítica camusiana à ideia de historicidade sartreana é uma crítica com relação, sobretudo, ao fato de que a história não pode responder a todos os apelos humanos, colocando a natureza de fora, pois o determinismo histórico também é um determinismo que fecha o espaço da liberdade. Como explicita Leopoldo:

A hegemonia da razão europeia significa o desequilíbrio da tensão entre natureza e história, do que resultou a esperança vã de que a história venha a responder aos apelos humanos de beleza. O que Camus desejaria que Sartre entendesse é que, se aceitamos a natureza apenas por via da mediação da história, então é como se matássemos a natureza no ato mesmo de incorporá-la ao nosso pensamento. É por isso que, para Camus, a beleza da natureza pode conviver com o horror histórico e é essa tensão que faz com que a vida nunca se renda inteiramente à morte, apesar de que toda vida seja mortal. Assim como a existência não se resume na história, a vida não se resume no seu próprio caráter mortal. (LEOPOLDO, 2000: 2).

Leandson Vasconcelos Sampaio

Camus critica a concepção da historicidade do existencialismo sartreano fazendo um contraponto entre a natureza e a história, observando os limites da história e da natureza. Como afirma Leopoldo: “O dogmatismo anti-historicista deve ser, segundo Camus, tão evitado quanto o historicismo extremado” (LEOPOLDO, 2000: 8). O autor de *O Homem Revoltado* critica o reducionismo da teoria sartreana à dimensão apenas histórica, não sendo, entretanto, anti-historicista, como se poderia pensar. Ele recusa os extremismos com relação à história que acabam reduzindo a humanidade apenas à dimensão historicista, criticando também assim o reducionismo da teoria sartreana. Como afirma Leopoldo:

O mundo humano reclama um sentido que não pode se esgotar na história: quanto a isso a oposição entre Camus e Sartre não poderia ser mais clara. Assim como Sartre considera que a incorporação da história à natureza – que ele acredita ser a consequência do materialismo dialético – é uma perspectiva reducionista, Camus entende que a compreensão do humano pela via exclusiva da história – o que equivale à supressão da natureza – é igualmente reducionista. A criação artística tende a aparecer como a “saída” na medida em que, acredita Camus, pelo ato criador o artista escapa dos limites da história e lança à criação de outros mundos. Assim a arte poderia ser invocada como uma demonstração concreta de que o homem tem como transcender a história, que o compromisso do artista com a unidade da vida e do mundo não pode ser explicado como um compromisso exclusivamente histórico, inclusive por ser talvez a única maneira de escapar à confusão entre unidade como aspiração originária da consciência revoltada e construção histórica da totalidade. (LEOPOLDO, 2000: 8).

Ao criticar o reducionismo historicista da concepção da história do existencialismo sartreano, Camus critica também o determinismo da história que exclui a liberdade humana. Ora, se a natureza sempre ultrapassa a história, não podemos reduzir o mundo apenas à história, sob pena de excluir a possibilidade de liberdade de escolha na medida em que reduzir à historicidade é reduzir as possibilidades de escolha humanas ao determinismo histórico. Como diz Germano: “O engajamento camusiano tem por premissa restaurar esta relação originária do homem com a natureza e consigo mesmo que a necessidade do engajamento histórico obnubila” (GERMANO, 2008: 196-197). Camus reivindica a liberdade também de criação do escritor engajado na medida em que o escritor não pode apenas se limitar às situações históricas como determinantes para a criação, pois, existe a relação humana com a natureza que não necessariamente faz parte da História, havendo assim na crítica de Camus certo “descontentamento com a história, que remonta a uma apreciação da natureza que vê no elo profundo entre o homem e mundo, uma esperança de *realização* humana – experiência radicalmente não-histórica.” (GERMANO, 2008: 473). Ao fazer a crítica ao existencialismo sartreano com relação à sua filosofia da história, que para ele esquece a dimensão humana que

não faz parte da história, o filósofo franco-argelino está criticando também a noção de “situação” sartreana. Como afirma Aronson:

Ele rejeitou o direcionamento que Sartre deu no pós-guerra, deu à noção de “situação” – a realidade histórica na qual *sempre* nos encontramos e pela qual nós *sempre* temos responsabilidade. Para Camus, se admitimos que estamos totalmente dentro de uma situação, a história iria eliminar o nosso espaço próprio para manobrar e absorver nossas próprias escolhas. Para Sartre, nossa liberdade ontológica é absoluta; mas ela sempre significa escolher como viver (ou rejeitar) nossas várias determinações. (ARONSON, 2007: 102-103).

Ao criticar o engajamento sartreano no Pós-guerra e a sua ideia de “situação”, Camus faz uma crítica à filosofia da história de Sartre lembrando que há dimensões na natureza que não se reduzem ao determinismo histórico, por isso “Camus prolonga a crítica antropocêntrica em contraponto às filosofias da história imbuídas de verdades absolutas e fins futuros pré-determinados” (GERMANO, 2008: 488), de modo que a exigência de comprometimento de Sartre para com a História torna também o engajamento determinado, eliminando a singularidade e a liberdade do engajamento: “Para além do engajamento histórico existe um compromisso inalienável de Camus para com aquilo que o homem é para além da história: um ser vivo.” (GERMANO, 2008: 474). Ou seja, à luz de Germano, podemos dizer que, para Camus, para além da historicidade existe a singularidade da vida com todas as suas particularidades que não se reduzem à historicidade: “A natureza, oráculo dos limites, é enfim, o seu vínculo profundo com a própria dignidade, é o espelho no qual o homem se vincula ao que ele é, para além da história, um ser vivo, perplexo diante da própria fragilidade.” (GERMANO, 2008: 197). Neste sentido, a história é também o lugar que encontramos o limite da nossa finitude a partir do confronto com o mundo concreto da natureza: “Ora, a história, para Camus, é uma variante terrível e incontornável neste delicado equilíbrio no qual o homem já se confronta originalmente contra sua condição de finitude” (GERMANO, 2008: 197). Entretanto, apesar de encontrar a finitude e a fragilidade, encontramos também a nossa grandeza. Como afirma Germano: “O homem re-encontra sua grandeza, na apreciação de sua frágil figura diante desta magnitude que lhe ultrapassa, ali ele descobre seus limites, mas também sua nobreza e lucidez.” (GERMANO, 2008: 197). Destarte, para Camus, diferentemente de Sartre, apesar do horror da história, encontramos também diante do mundo um elo primitivo que nos remonta também à nossa grandeza. Como afirma Germano:

**CAMUS CRÍTICO DE SARTRE: FILOSOFIA DA NATUREZA, ENGAJAMENTO E
LIBERDADE NO PÓS-GUERRA**

Enquanto a natureza pura, p. ex., para Sartre, não significa senão um vazio no qual se projetam as significações humanas e, principalmente os conflitos humanos, para Camus, a natureza é a imagem primitiva do cosmo e da terra – último elo do homem com sua grandeza e com aquilo que ele é para além da história. (GERMANO, 2008: 485-486).

Em contraposição à filosofia da história de Sartre, Camus afirma a dimensão da grandeza humana que se faz presente diante do elo com a natureza para além dos horrores da história: “Nesta celebração da vida - sublime na consciência de sua fragilidade - encontramos o senso mais profundo da dignidade e da grandeza do homem segundo Camus, para além das misérias da história, ou apesar delas”. (GERMANO, 2008: 486). Como Camus não reduz tudo à história de forma determinista como o existencialismo sartreano, ele afirma assim também a grandeza humana a partir do elo com a natureza, quer dizer, como aquilo que não se resume à história. Porém, observamos que a afirmação do elo com a natureza e da liberdade para além dos determinismos historicistas não significa que para Camus não há um engajamento na história como se houvesse a possibilidade de estarmos totalmente alheios a ela sempre, mas sim, há uma crítica ao reducionismo historicista das filosofias da história a partir do Pós-guerra. Para além das engrenagens da história, há um comprometimento humano também com o mundo, com a natureza, mas também um comprometimento com o engajamento histórico, mesmo tendo em vista os limites da história, recusando o conformismo, a indiferença e a apatia. Como afirma Germano:

Em Camus o re-encontro com a natureza – celebrar as “núpcias” do homem com o mundo – seria mais valioso do que as sangrentas epopeias civilizatórias da política. De maneira aparentemente paradoxal, a rejeição da redução ao humano à sua dimensão histórica, entretanto, não conduziria, como se poderia supor, à alienação e ao descomprometimento com o presente: o editor do jornal clandestino *Combat* faz, ao contrário, de sua crítica ao reducionismo histórico e de seu niilismo político uma postura de indiscutível *inconformismo* em relação aos desdobramentos da história da civilização. (GERMANO, 2008: 473 - 474).

Em suma, podemos dizer que o escritor africano diferencia-se da concepção sartreana de engajamento, sobretudo, a partir da sua crítica à concepção totalizante de história do existencialismo na medida em que a historicidade da teoria de Sartre acaba sendo determinista, o que, na prática, excluiria a liberdade, o que conseqüentemente também exclui a liberdade de criação, que para Camus é fundamental para o escritor. O escritor deve ter a liberdade também de não escrever apenas situado na história, havendo espaço também para a escrita sobre a beleza do mundo, por exemplo, já que, para Camus, a beleza da criação artística deve manter-se mesmo que haja a injustiça inserida na história. Camus diferencia a

Leandson Vasconcelos Sampaio

sua ação política da ação política sartreana, pois, como explicita Germano, Sartre “se pauta politicamente por uma concepção totalizante da história, imaginando um futuro em larga medida pré-moldado por um horizonte no qual predomina a ideia de *evolução* pela *revolução*.” (GERMANO, 2008: 148). Então, ao criticar Sartre, Camus critica todas as concepções totalizantes da história deterministas, fazendo um “contraponto direto às filosofias da história que, incorporando o ideal do determinismo totalizante moderno em suas construções reformistas, sacrifica o homem concreto em virtude de verdades pré-concebidas.” (GERMANO, 2008: 153). Enquanto crítico de Sartre, sobretudo, a partir do período do Pós-guerra, Camus coloca-se em uma postura diferente do engajamento determinista que reduz os seres humanos à historicidade esquecendo-se do elo humano com a natureza que está para além das engrenagens historicistas e deterministas, mas mantendo a sua postura de escritor engajado e comprometido com as questões mais urgentes, sendo estes temas ainda atuais e necessários na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre**. O fim de uma amizade no pós-guerra. Editora Nova Fronteira: São Paulo, 2007.

CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Trad.: Valerie Rumjanek. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Primeiros Cadernos**. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

LEOPOLDO, Franklin. **Arte, Subjetividade e História em Sartre e Camus**. Revista Olhar – Ano 2 – Nº 3. Junho/2000, 15p. Disponível em: <<http://migre.me/gm78w>>. Acesso em: 18 de Junho de 2013. 11:00h.

GERMANO, Emanuel. **O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus**. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.